



**ENAN
PUR** 2023
Belém 22 a 26 de maio



ESCALA DA INSURGÊNCIA, INSURGÊNCIA DA ESCALA: A CARTOGRAFIA DA AÇÃO DA FESTA LITERÁRIA DO COMPLEXO DO CHAPADÃO¹

Lara de Araújo Luzente

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Sessão 08: Movimentos sociais e a construção do urbano contemporâneo

Este artigo faz parte de uma investida de trazer para o campo teórico os processos relativos à ação social e enxergar seu potencial a partir da categoria Escala Geográfica. Para isso, o objetivo geral é Compreender a Escala como um importante instrumento de análise para entender a atuação do Coletivo COE. Para consolidar a realização do objetivo exposto, adota-se a pesquisa-ação com intuito de promover uma Cartografia da ação social da Festa Literária do Complexo do Chapadão. Dessa forma, compreende-se que a escala enquanto artifício analítico permite compreender as dinâmicas espaciais e a cartografia da ação enquanto escolha metodológica é uma ferramenta para movimentação social, trazendo para o campo teórico as insurgências dos homens lentos.

Palavras-chave. Movimentos sociais, Cartografia da ação, escala geográfica

SCALE OF INSURGENCY, INSURGENCY OF SCALE: THE CARTOGRAPHY OF THE ACTION OF THE LITERARY FESTIVAL OF COMPLEXO DO CHAPADÃO

Abstract. This article is part of an attempt to bring to the theoretical field the processes related to social action and to see its potential from the Geographical Scale category. For this, the general objective is to Understand the Scale as an important instrument of analysis to understand the performance of the COE Collective. To consolidate the achievement of the above objective, action research is adopted in order to promote a Cartography of the social action of the Literary Festival of Complexo do Chapadão. In this way, it is understood that the scale as an analytical device allows us to understand the spatial dynamics and the cartography of action as a methodological choice is a tool for social movement, bringing to the theoretical field the insurgencies of the slow men.

Keywords: Social movements, Cartography of action, geographic scale

ESCALA DE LA INSURGENCIA, INSURGENCIA DE LA ESCALA: LA CARTOGRAFÍA DE LA ACCIÓN DEL PARTIDO LITERARIO DEL COMPLEXO DO CHAPADÃO

¹ Artigo desenvolvido durante o curso de Mestrado em Geografia e financiado pela CAPES

Resumen. Este artículo es parte de un intento de traer procesos relacionados con la acción social al campo teórico y ver su potencial desde la categoría de Escala Geográfica. Para ello, el objetivo general es comprender la Escala como una importante herramienta de análisis para comprender el desempeño del Colectivo COE. Para consolidar la consecución del objetivo anterior, se adopta la investigación-acción para promover una Cartografía de la acción social del Festival Literario del Complexo do Chapadão. La cartografía de la acción como opción metodológica es una herramienta para el movimiento social, trayendo las insurgencias de los hombres lentos al campo teórico.

Palabras clave: Movimientos sociales; Cartografía de la acción; escala geográfica

Introdução

Este artigo faz parte de uma investida de trazer para o campo teórico os processos relativos à ação social e enxergar seu potencial a partir da categoria Escala Geográfica. Pensando que, assim como o espaço, a escala também é uma produção social, dessa maneira, ela aparece como uma estratégia para compreender a ação. Portanto, devemos escapar do debate que reduz a escala a proporções métricas, uma vez que a escala precisa ser entendida como um instrumento geográfico que demonstra a relação e correlação entre o espaço e os sujeitos. Destarte, compreendida como artifício analítico que dá visibilidade ao real, sendo assim, é através de sua análise que conferimos sentidos aos fenômenos. (SMITH, 2002)

Para Vainer (1986) a partir da inspiração em Swyngedouw (1997) “Escala, então, é, ao mesmo tempo, o resultado e a consequência da luta social pelo poder e pelo controle.” Isto é, a escala por ser socialmente produzida se torna um facilitador para entender as estruturas geográficas da interação social. A partir da formulação escalar conseguimos compreender as diferenciações mais elementares do espaço geográfico. Logo sua formulação é um processo ativo, portanto, reivindicar a escala de análise dentro da ciência geográfica é fundamental para que seja possível compreender o espaço² respaldado em heterogeneidade.

A escala se torna um artifício analítico para compreender que o espaço não é dividido e sim hierarquizado³, revelando a existência de espaços

²Na verdade, o espaço produzido não é simplesmente um mosaico, mas dentro da sociedade capitalista é intensamente hierarquizado, conforme a divisão em raças e classes, gênero e etnia, diferentes acessos a trabalho e serviços etc.”

³Gonzalez (2020) “Hierárquica do ponto de vista das relações de classe; hierárquica do ponto de vista das relações sexuais, porque sabemos o papel da mulher dentro desta sociedade, fundamentalmente da mulher negra; e hierárquica do ponto de vista social. Porque se no vértice superior desta sociedade, que detém o poder econômico, político e social, de comunicação, educação e cultural, neste vértice superior

luminosos e opacos.⁴Nessa realidade se sustenta a lógica do desenvolvimento desigual combinado. Portanto, o entendimento escalar resgata as contradições geográficas produzidas pelo capital em seu movimento nas esferas locais e globais. À vista disso, pensamos que o capital produz diferenças espaciais e estas são transformadas em desigualdades (GONZALEZ, 2020). Portanto o foco da análise é a escala da atuação, pois, esta confere sentido as análises dos espaços praticados⁵dos homens lentos.⁶

Nesse movimento constante de buscar teorias analíticas que deem conta de trazer a experiência empírica como uma posição privilegiada para a construção do conhecimento, surge o campo metodológico da pesquisa-ação. Dessa forma, há o entendimento que o sentido empírico e teórico (práxis) sustenta a investigação interessada nas insurgências dos sujeitos subalternos. Não há dúvidas, entretanto, que durante muito tempo a ciência privilegiou espaços de enunciação que se fundamentaram distante da prática. Portanto, os intelectuais falavam pelos sujeitos subalternos e teorizavam a seu respeito, sob esta ótica, não havia um diálogo orgânico, o que resultava em pesquisas científicas construídas sem o entroncamento entre o intelectual e os sujeitos pesquisados. (SPIVAK, 2010)

Ao longo dos últimos anos emerge um movimento de pensar que tenta de alguma maneira compreender a posicionalidade de quem está produzindo determinada pesquisa científica. A partir desse tensionamento, se torna importante reconhecer o lugar do pesquisador em relação ao seu objeto, na ciência geográfica essa construção fica evidente através das geografias pós-modernas e do pensamento decolonial. Desse modo, pretende-se questionar o lugar epistêmico do intelectual do ocidente, e trazer novos meios para

se encontra o homem branco ocidental, no seu vértice inferior vamos encontrar, de um lado, o índio, e do outro lado o negro.” (p. 228)

⁴ Para Milton Santos os espaços luminosos seriam espaços de comando que selecionam o que tem ou não valor, são dependentes e carregados de técnica, dessa forma, seriam espaços privilegiados pelas luzes da modernidade. Enquanto os espaços opacos seriam o oposto, pois, estes são espaços da sobrevivência, organizados organicamente, são espaços com menos técnicas e mais criatividade e inventividade.

⁵ Os espaços praticados, segundo Ribeiro (1986) são os espaços usados pelos sujeitos comuns em seus cotidianos e se relacionam a geografia da resistência social.

⁶ Segundo Ribeiro (2009) “o homem lento (categoria filosófica criada por Milton Santos) – que é o homem dos espaços opacos da cidade – cria formas alternativas de sociabilidade e táticas de sobrevivência.”

compreensão do cotidiano enquanto objeto analítico nas ciências humanas. (ibid.)

A dedicação em tentar entender todo esse debate está relacionada ao objeto analítico da pesquisa. Em vista disso, a investigação parte da vivência enquanto militante⁷ em um Movimento Social⁸ conhecido como coletivo COÉ (Conscientizar Educar Organizar)⁹. Este se localiza na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro Anchieta dentro do conjunto de favelas Parque Criança Esperança, especificamente, localizado na favela do Final Feliz. Para aguçar o entendimento espacial do objeto se reconhece a necessidade da discussão em torno da escala geográfica¹⁰, levando em conta a urgência de romper com a ideia de que a escala é um instrumento unicamente cartográfico, métrico e matemático, que serve para entender apenas o espaço absoluto.

Perante a construção deste cenário surgem demandas investigativas que serão elaboradas no decorrer do ensaio. Para isso, o objetivo geral é Compreender a Escala como um importante instrumento de análise para entender a atuação do Coletivo COE. Para consolidar a realização do objetivo exposto, adota-se a metodologia participativa que carrega a construção analítica dos sujeitos que praticam o espaço através da ação. (RIBEIRO, 2013) Dessa forma, a Pesquisa-ação visa a “solução prática dos problemas estudados, e a colaboração entre pesquisadores e pesquisados/atores” (Bartholl, 2018, p. 74) dentro de uma lógica horizontal, esse processo se

⁷Como essa pesquisa reverbera uma posição subjetiva de alguém que faz parte do movimento social em análise, que é militante e moradora do conjunto de favelas do Parque Criança Esperança, mas, que ainda assim, ocupa um lugar de privilégio frente aqueles que também fazem parte do coletivo, portanto, não sou capaz de representar e nem falar pelos diversos sujeitos que estão no processo de luta compondo o movimento social. Porém, o que se pretende através dessa análise é fomentar um debate ainda insipiente sobre a localidade que é objeto da pesquisa.

⁸ Em diálogo com Zibech (2020) movimentos sociais são grupos de pessoas organizadas que buscam discutir projetos de vida que assegurem uma melhor existência dentro de um determinado espaço-tempo, garantindo uma transformação de baixo para cima e assegurando uma mudança que seja de fato necessária para um determinado grupo.

⁹o Coletivo COE (Conscientizar, educar e organizar) que existe há 15 anos. À vista disso, a atuação do coletivo se dá através da literatura, cultura, lazer, arte e da educação, além disso, o coletivo foi responsável pela construção de três bibliotecas comunitárias no Final Feliz (Biblioteca Paulo Freire, Tricicloteca Cultural Abdias Nascimento (móvel) e Biblioteca Comunitária Carolina de Jesus) sendo responsáveis por promoverem a FLICC que é a Festa Literária do Complexo do Chapadão.

¹⁰Em diálogo com Neil Smith (2002) a escala se torna instrumento fundamental para o entendimento das dinâmicas espaciais.

consolida enquanto o pesquisador faz parte e ingressa no mundo vivido do próprio objeto de pesquisa, expondo, destarte, algumas visões relacionadas ao que ele denomina de “*insider*” (BARTHOLL, 2018).

A partir desse processo de pesquisa-ação surge uma derivação desse campo metodológico denominada de “investigação militante”. É importante ressaltar que nesse tipo de investigação “o sujeito investigador tem um ponto de partida (e toma partido), parte de um ponto de vista moldado pela sua trajetória tanto da sua participação em lutas sociais como em processos de elaboração teórica.” (Bartholl, 2018, pág. 77). A pesquisa participativa pressupõe a construção de uma nova relação sujeito e objeto, assim como se interessa em trazer atores sociais que durante muito tempo foram subalternizados pelo fazer científico. (RIBEIRO, 2013)

Dessa forma, surgem dois questionamentos que serão respondidos ao longo da construção teórica, sendo eles:

1. Ação do Coletivo COE pode transcender a escala a nível local (Favela Final Feliz), por consequência, atingir outros espaços da cidade do Rio de Janeiro?
2. A escala da ação do Coletivo COE é capaz de desconstruir estigmas espaciais¹¹ associados aos sujeitos favelados e produzir novos sentidos espaciais?

A escala da ação: debate espacial sobre a Favela do Final Feliz

A favela do Final Feliz foi escolhida, pois há um interesse em ampliar a escala para enxergar de mais perto os sujeitos e as insurgências. Dessa forma, “Escolher uma escala é também, quase sempre, escolher um determinado sujeito, tanto quanto um determinado modo e campo de confrontação”. (VAINER, 1986, p. 25) Sendo assim, é na Favela Final Feliz que se localiza a biblioteca Paulo Freire e o Quintal Escola Chico Mendes que são espaços

¹¹Campos(2005) afirma que existe um estigma que reverbera em um sentimento de desconfiança em relação ao povo favelado, a partir disso, cria uma inabilidade para aceitação social. Em suas palavras: “a sociedade vem transformando a vítima em culpada através da marginalização econômica e social criminalizando seus espaços moradia” (p. 24)

organizados pelo Coletivo COE, e estes se configuram como importantes núcleos culturais e educativos para a população local.

No caso estudado, temos a favela Final Felizquequando analisamos a questão escalar cartográfica, podemos entendê-la em diferentes níveis escalares. Assim, ela está na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, na Região administrativa XXII, no bairro suburbano Anchieta, dentro do conjunto de favelas Parque Criança Esperança¹². Os mapas abaixo mostram em diferentes níveis escalares a posição geográfica do objeto.

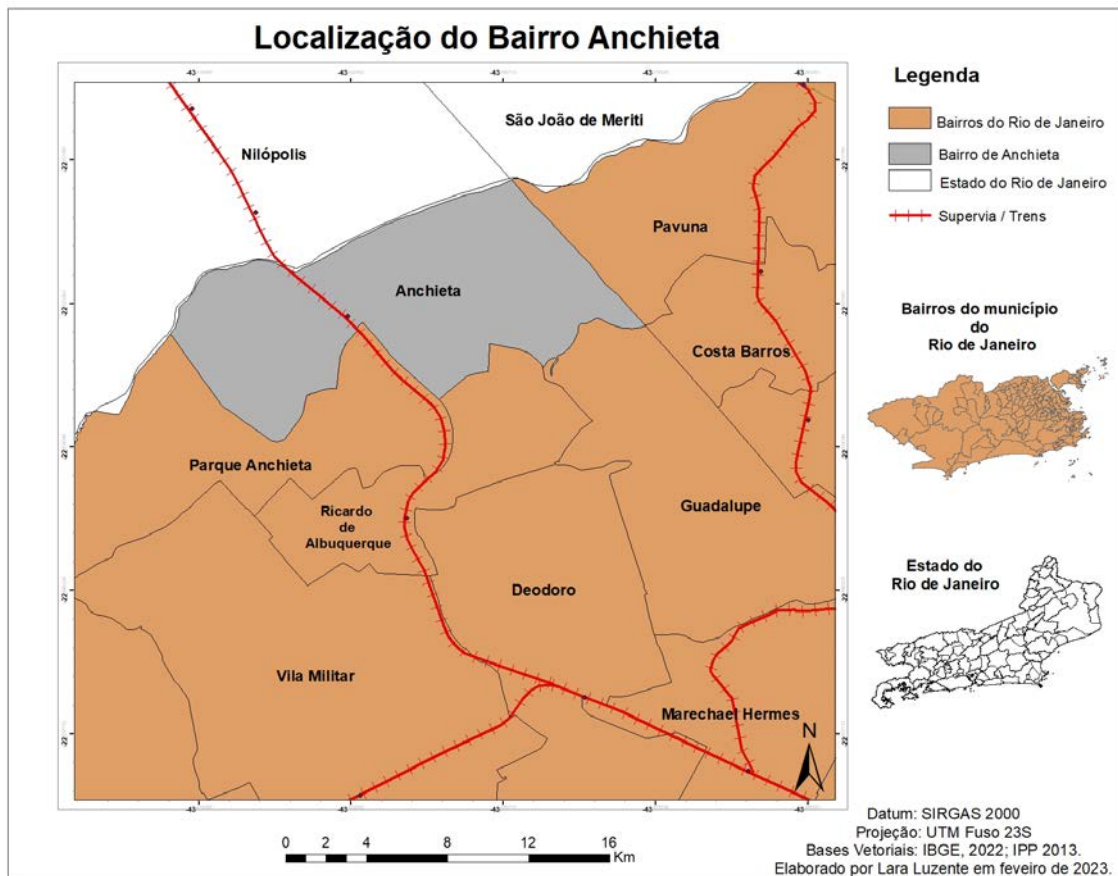
Mapa 1:Localização do bairro Anchietafrente ao município do Rio de Janeiro.



Fonte: IPP, 2019 – Grifo do autor.

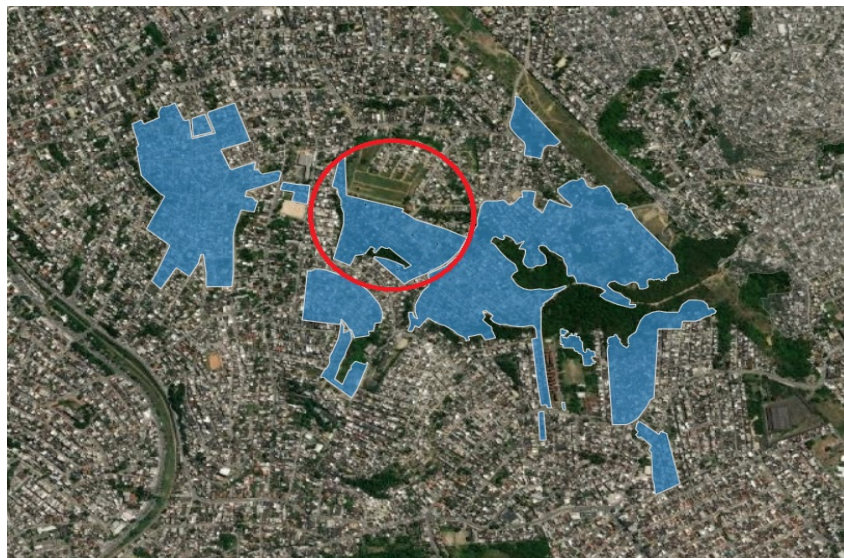
Mapa 2:Bairro Anchieta

¹²Segundo o Plano Diretor, o Conjunto de Favelas Parque Criança Esperança que se localiza nos bairros Anchieta, Guadalupe e Ricardo de Albuquerque é formado por 11 favelas¹².



Fonte: Google Maps, 2022

Mapa 3: Conjunto de favelas Parque Criança Esperança com destaque na Favela Final Feliz



Fonte: IPP, 2019 – Grifo da autor.

Analisando a Área de Planejamento 3 (AP-3)¹³, pois é aqui que se localiza o bairro Anchieta, percebe-se que esta possui a maior população, e apresenta a maior diversidade, apresentando áreas de habitação de média e baixa renda. A AP-3 abriga o maior número de favelas com um total de 401, correspondendo a 56.804,38 m². (IPP, 2019) O interessante a ser analisado na produção do espaço desse bairro é a ampliação da favelização¹⁴, visto que é um bairro segregado e espoliado.

Tabela 1: Proporção entre a população total e a das favelas, por Áreas de Planejamento – Município do Rio de Janeiro – 2010

Área de Planejamento	População Residente			
	Total	%	em Favelas	%
Total	6.320.446	100,0	1.443.773	100,0
AP-1 - Zona Central	297.976	4,7	103.296	7,2
AP-2 - Zona Sul	1.009.170	16,0	174.149	12,1
AP-3 - Zona Norte/Subúrbios	2.399.159	38,0	654.755	45,4
AP-4 - Barra/Jacarepaguá	909.368	14,4	236.834	16,4
AP-5 - Zona Oeste	1.704.773	27,0	274.739	19,0

Fonte: IBGE, Censo 2010; Estimativa IPP (Cavallieri e Vial, 2012).apud TAVARES, 2016, p. 54.

Este bairro suburbano presenciou um grande aumento do número de favelas associado a construção da linha férrea. Segundo o DATA RIO em uma pesquisa sobre a história dos bairros cariocas, Anchieta teve a

“implantação da Estrada de Ferro Dom Pedro II, depois Central do Brasil, a estação de Anchieta foi inaugurada em 1º de outubro de 1896, nome dado em homenagem ao padre José de Anchieta, religioso catequizador de índios nos primórdios do Brasil colonial. O prédio da estação atual foi inaugurado em 1989, servindo hoje aos trens metropolitanos do ramal de Japeri.”¹⁵

Além das ferrovias outro ponto importante é a construção da Rodovia Avenida Brasil, Torres (2018) reitera que:

¹³Segundo o IPP, a cidade do Rio de Janeiro é um território dividido em 5 Áreas de Planejamento (AP), subdivididas em 34 regiões administrativas (RA) compostas pelo agrupamento de bairros, que totalizam 160.57. A Área de Planejamento 1 (AP-1) corresponde à Zona Central da cidade, a Área de Planejamento 2 (AP-2) concentra os núcleos habitacionais de classes alta e média, a chamada Zona Sul e parte da Zona Norte (Tijuca e Vila Isabel), a Área de Planejamento 3 (AP-3) corresponde às zonas norte e oeste, constituindo os chamados subúrbios, a Área de Planejamento 4 (AP-4), composta pela Baixada de Jacarepaguá e pelas áreas litorâneas que se estendem da Joatinga ao Grumari; A Área de Planejamento 5 (AP-5) conhecida como Zona Oeste.

¹⁴Assim, o uso e ocupação do solo é improvisado, visto que a intenção inicial de ocupar essa área era estar próximo à localidade de trabalho e ter um abrigo, com isso a moradia se expressa através da questão do habitar.

¹⁵<http://apps.data.rio/armazenzinho/historia-dos-bairros/>

“A partir dos anos 40, com a Avenida Brasil, o fluxo para o subúrbio não mais era guiado apenas pelos “trilhos do trem” ou dos bondes, no sentido da zona norte e oeste da cidade. Migrações expandiram-se para regiões mais distantes do centro como Santa Cruz, Campo Grande, Pavuna, Jacarepaguá, assim como Niterói, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti e São Gonçalo. A cidade começava, portanto, na década de 1940, a ganhar os contornos e limites que hoje conhecemos”. (p. 296)

Torres (2018) traz um dado interessante, devido às obras relacionadas a construção dessa Avenida, muitas áreas começam a ser transformadas em lotes, que vão dando lugar aos conjuntos residenciais e aos parques industriais. Esse fato foi marcante para Anchieta, pois é a partir dessa conjuntura que há um crescimento semelhante ao de Copacabana, equivalente a 85%, demonstrando uma dimensão em que a cidade caminhava em direções opostas, rumo ao espraiamento.¹⁶

O desenvolvimento industrial crescente e com intervenção direta do Estado, estabeleceu um zoneamento industrial nos subúrbios acompanhando a linha férrea e a construção de rodovias, com destaque para a Avenida Brasil¹⁷, associado a isso o setor de construção civil ganha fôlego e atrai muitos trabalhadores pouco qualificados e migrantes. Dessa forma, percebe-se o adensamento da urbanização para as zonas norte e oeste que eram predominantemente rurais. (TAVARES, 2016) Para complementar Campos (2005) diz que “a perspectiva de novas indústrias atraiu antecipadamente novas favelas, que funcionam como estoque de mão de obra barata.”

Sob esta perspectiva, os interesses de mercado se sobrepõem aos interesses sociais, enquanto o centro da cidade capitalista se expande, há um processo simultâneo de expansão de periferias e áreas segregadas que se configuram como áreas (i)legais (in)formais e (sub)normais para o Estado. (SILVA, 2013) Ressalta-se, portanto, que a produção desse espaço comporta

¹⁶ Campos (2005) salienta que há uma política promovida pelo Estado de segregação espacial desde a Lei de Terras de 1850, sendo as pessoas negras e pobres as principais atingidas.

¹⁷ Segundo Tavares (2016), a Avenida Brasil foi uma obra importante para o contexto, pois a “via integrou a BR-101 e foi construída paralelamente à Baía da Guanabara, com o objetivo de ligar o centro da cidade aos distantes subúrbios e alargar a malha industrial. Desse modo, a Avenida Brasil contribuiu para a ocupação e consolidação da Maré, pois, além de promover aterramentos e vias de acessos que foram pontos de partida para muitas ocupações, atraiu para o seu entorno muitas pessoas que trabalhavam na sua construção. Afora isso, viabilizou a criação de novos postos de trabalho após sua inauguração, em 1946, pois estimulou a instalação de muitos empreendimentos na região.” (p. 210)

os movimentos de resistência¹⁸ que lutam contra as opressões impostas por grupos dominantes que são privilegiados, pois, possuem o apoio do Estado que é elitista, discriminatório e racista.

Em consequência disso, é nesse contexto que se repercutem as segregações espaciais, existindo espaços destinados aos ricos e aos pobres. Na cidade do Rio de Janeiro, quando se analisa os fatores que levam ao surgimento das favelas, percebemos que se estabelecem através de um pacto entre o Estado e o capital privado em promover a especulação do solo urbano. As políticas de remoções associadas ao discurso de higienização, eugenia e revitalização, expulsaram uma grande parte da população mais pobre, e em sua maioria preta e parda, que ocupava a área central para outros espaços.

Entende-se, então, que as insurgências estão nas periferias, nas favelas, nas áreas segregadas, nas brechas da cidade, por isso, é importante compreender a problemática contraditória que envolve o cotidiano na metrópole. Pois é dele que surgem os problemas de reprodução no sentido amplo e as lutas sociais, é no lugar que se acentua o possível, sendo este um fator determinante para se organizar coletivamente e haver insurreições. (CARLOS, 1996) Desse modo, “não se trata de acreditar que tudo se resolve no âmbito do local, mas é fato que é na escala do lugar que a população sente mais fortemente os efeitos na desigualdade na produção do espaço (...)” (FERREIRA, 2020, p.210). Portanto, o espaço vivido é a escala principal desta análise.

A Cartografia da ação social da Festa Literária do Complexo do Chapadão

Com base na leitura do capítulo “A construção de uma comunidade pedagógica”, do livro “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade” da autora bell hooks¹⁹, podemos entender a importância em associar a teoria e a prática para estimular práticas pedagógicas progressistas e

¹⁸Algumas lutas urbanas que ganham notoriedade e que colaboram para a construção do pensamento da cidade: Luta pela moradia, movimento feminista, movimento negro, luta por direito LGBTQIA+.

¹⁹ A adoção da escrita em minúsculo do nome da autora é proposital, pois, era uma maneira de horizontalizar a produção do conhecimento, além de ser um ato político com a justificativa de dar enfoque no seu trabalho e não na sua pessoa. “Ao se fazer pequena, bell hooks deu a justa medida dos seres e das coisas. Do indivíduo, do coletivo, da comunhão, do mundo a ser mudado. E mais. Lembrou que a justa medida pode e deve ser múltipla, complexa, diversa, heterogênea.” <<https://www.geledes.org.br/quem-foi-bell-hooks-escritora-e-ativista-morreu-aos-69-anos/>>

engajadas. Não há dúvidas, portanto, que o processo revolucionário de transformação espacial precisa ter a educação como prioridade. Logo, a educação como prática da liberdade está associada a afetividade, responsabilidade e respeito por aqueles sujeitos que fazem parte do processo educativo, pois “nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público.” (HOOKS, 2013, p. 90).

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças.” (hooks, 2013, p. 174)

Esta perspectiva traz uma diferenciação entre o intelectual ocidentalizado e o intelectual orgânico, e caminha para um pensamento científico interessado em horizontalizar a autoridade da academia na construção das teorias científicas. bell hooks, inclusive, confere autoridade a experiência, além de propor um intercâmbio crítico entre o acadêmico e o objeto.

A partir da compreensão da geografia como uma ferramenta para entender a multiplicidade espacial, Doreen Massey (2013) se torna uma referência ao afirmar que a teoria surge da vida, das experiências cotidianas. Logo, “O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno.” (MASSEY, 1999, pág.17) A representação espacial envolve o pensamento, linguagem, a dominação, técnica e o uso social. Nesse sentido, o espaço é construído por aspectos materiais (a técnica, o lugar da materialidade e do concreto) e por aspectos imateriais (linguagem, o pensamento, religião, senso comum e o bom senso), o conjunto dos aspectos materiais e imateriais resultam na práxis espacial. (ibid.)

Dessa forma, se configura no espaço o entroncamento de trajetórias, e é a partir da análise dessas trajetórias, por meio da pesquisa-ação, que serão respondidos os questionamentos colocados na introdução deste artigo. Esta parte será destinada para expor os resultados de um estudo sobre a Festa

Literária do Complexo do Chapadão (FLICC)²⁰, que foi promovida pelo Coletivo COEe ocorreu nos dias 7 e 8 de outubro na Favela Final Feliz. O evento foi realizado através do programa de fomento Carioca - Foca²¹, que é um edital público vinculado a Prefeitura do Rio de Janeiro.

O evento foi amplamente divulgado através das mídias sociais (*WhatsApp, Facebook e Instagram*), além disso, foram realizadas algumas ações para a divulgação do evento, previamente, em duas escolas próximas a Favela Final Feliz (Escola Municipal Zilda Nunes da Costa e Escola Municipal Hildegardo de Noronha) e nos espaços culturais mais próximos (Lona Cultural Municipal Terra e Arena Carioca Jovelina Pérola Negra). Essas ações eram realizadas através de oficinas com temas variados (horta em pequenos espaços, pintura, macramê...) e tinham como objetivo explicar o que é a FLICC.

Figura 2: Banner de divulgação da FLICC

²⁰ A festa possui este nome, pois, o nome Complexo do Chapadão é o mais usado pelos moradores, por mais que a FLICC ocorra em outro conjunto de favelas.

²¹“O Programa de Fomento Carioca – Foca consiste no apoio financeiro a projetos culturais a serem realizados na cidade do Rio de Janeiro, através de duas linhas de ação. Na Linha 1 serão selecionadas 184 propostas em 12 categorias: teatro, circo, artes visuais, arte antirracista, produções LGBTI+, artes urbana e pública, cultura popular, música, literatura, infância, dança e pesquisa & inovação. A Linha 2 fomentará as relações entre cultura e território, potencializando a cena artística em regiões populares da cidade. duas categorias: favelas da Zona Sul e do Centro (APs 1 e 2) e localidades da Zonas Norte e Oeste (APs 3, 4 e 5). Podem participar pessoas com residência e atuação cultural nestes territórios há, pelo menos, um ano.” (fonte: <https://carioca.rio/servicos/foca-programa-de-fomento-carioca/>)



Fonte: Página do Instagram do Coletivo COE (@coletivocoe)

Pensando em trazer para o campo da análise teórica as ações culturais, a Cartografia da ação parece ser a solução metodológica que proporciona um horizonte transformador para a interpretação deste evento. Pois esta tem a função de expor as táticas dos sujeitos e a partir disso esclarecer os sentidos da ação. Logo, seria uma ferramenta analítica que expressa a denúncia, reconhece cada ato e sustenta a memória dos espaços usados e praticados. (RIBEIRO, 2013)

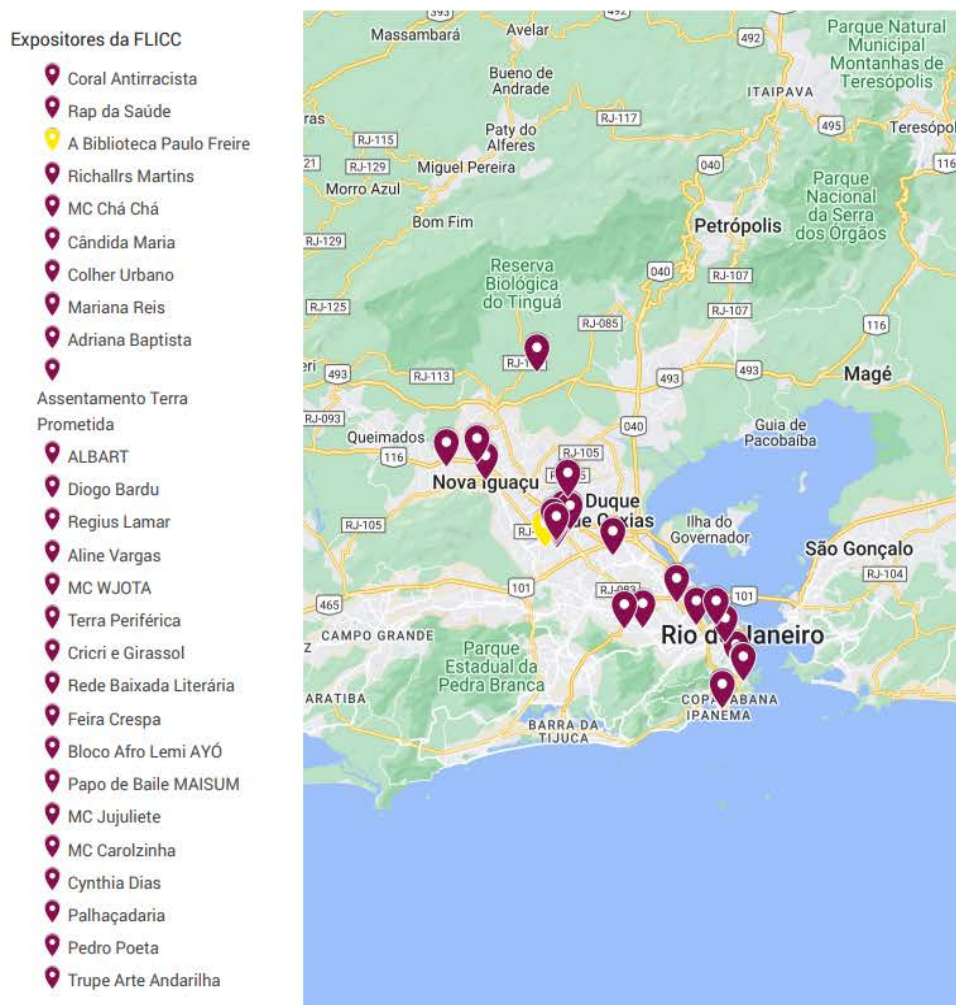
“A cartografia da ação social visa compreender os processos de apropriação da cidade, por meio de lutas, protestos, reivindicações e pensar trajetórias dos homens comuns em sua enraças pela cidade (CERTEAU, 2009). A cartografia, conceito e técnica historicamente trabalhada pela Geografia, em geral consiste nas formas de representação de objetos e pessoas. Trata-se da própria coisificação do social na medida em que foi idealizada para ser lida como expressão mais acabada da realidade. Predominam os mapas oficiais, e cada vez mais os mapas têm se tornado instrumentos de racionalizações dominantes, dos saberes dominantes, quer seja pelo Estado e pelas empresas. No debate sobre a cartografia social, engendra-se o uso ou a elaboração de mapas que expressão os movimentos sociais (SANTOS, 2011). Na novidade, surge um conjunto de possibilidade de emancipações, mas também de novas formas de dominação,

sobretudo quando estes mapas de movimentos sociais são apropriados não pelo movimento, mas pelos agentes dominadores. Daí os paradoxos do tempo presente emancipação-dominação.” (SILVA, 2012, P. 27)

Vimos no tópico anterior a localização geográfica do Coletivo, para enxergar esta insurgência foi necessário ampliar o zoom da escala geográfica. Agora, buscaremos analisar a escala de abrangência da FLICC , para isso, foi elaborado um mapa contendo 26 artistas (Mapa 4) e expositores que passaram pela FLICC e realizaram algum tipo de intervenção, a festa contou com intelectuais acadêmicos, poetas, artistas circenses, cantores (coral, MCs, rappers), escultores, pintores, agricultores urbanos e escritores.

Mapa 4: Escala da ação – Expositores / Artistas da FLICC

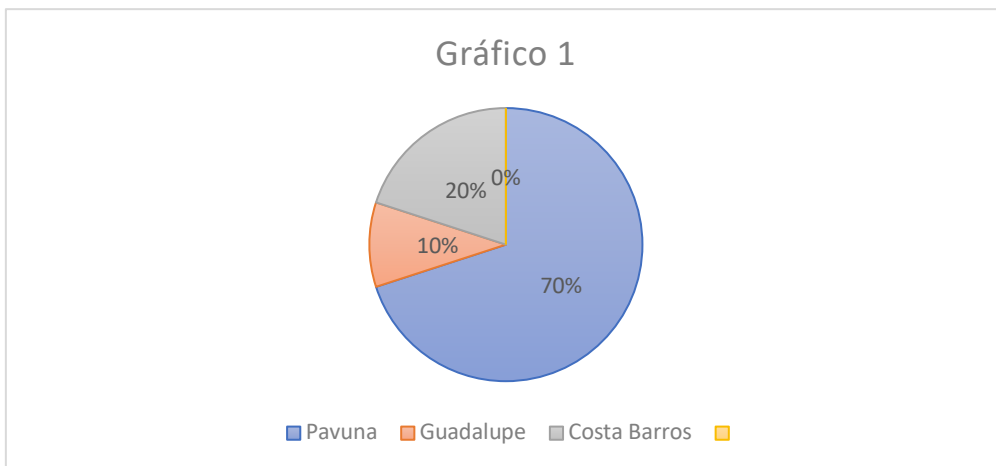
Escala da ação - Expositores/Artistas da FLICC



Fonte: My Maps – LUZENTE, 2023

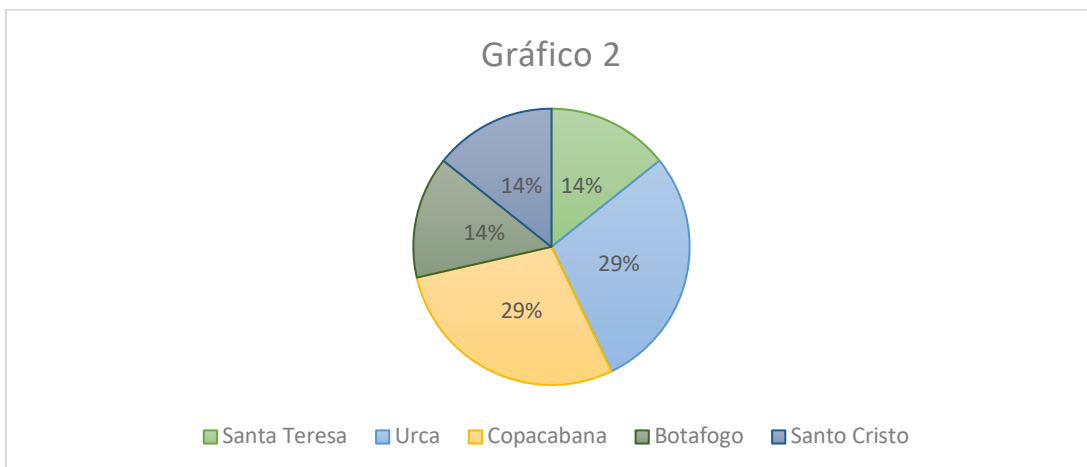
Ao observar o mapa percebemos que há uma abrangência espacial relativa à localidade de onde esses sujeitos (artistas/expositores) estão vindo para atuar na festa. Desse modo, a fim de entender a transescalaridade da FLICC, algumas conclusões são feitas a partir da análise investigativa dos Gráficos:

- a) A maior parte dos artistas/expositores, total de nove, fazem parte do território ou moram próximo a biblioteca Paulo Freire. Como pode ser observado através do Gráfico 1;



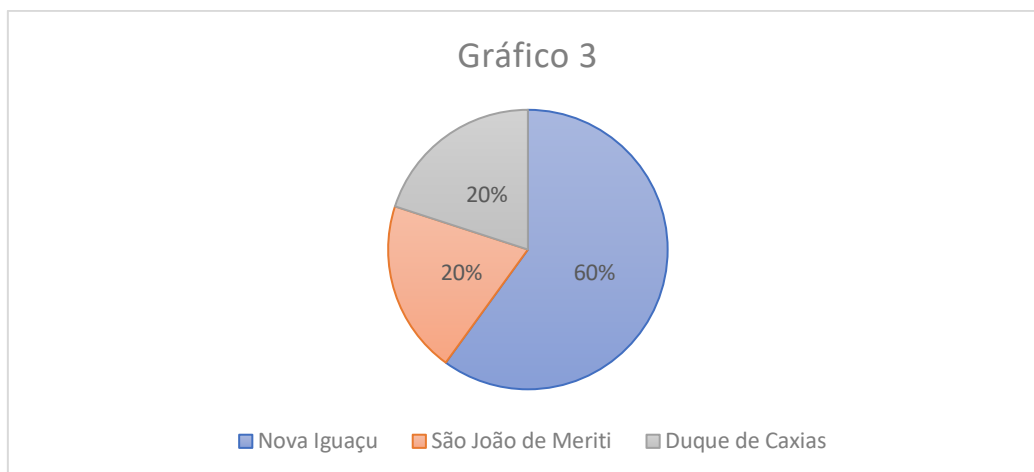
Fonte: AUTOR, ano

- b) Sete artistas/expositores estavam vindo da zona sul ou centro (Gráfico 2) da cidade do Rio de Janeiro, isso significa que a estratégia de divulgação pelas redes sociais amplia a rede de alcance das informações referentes a FLICC;



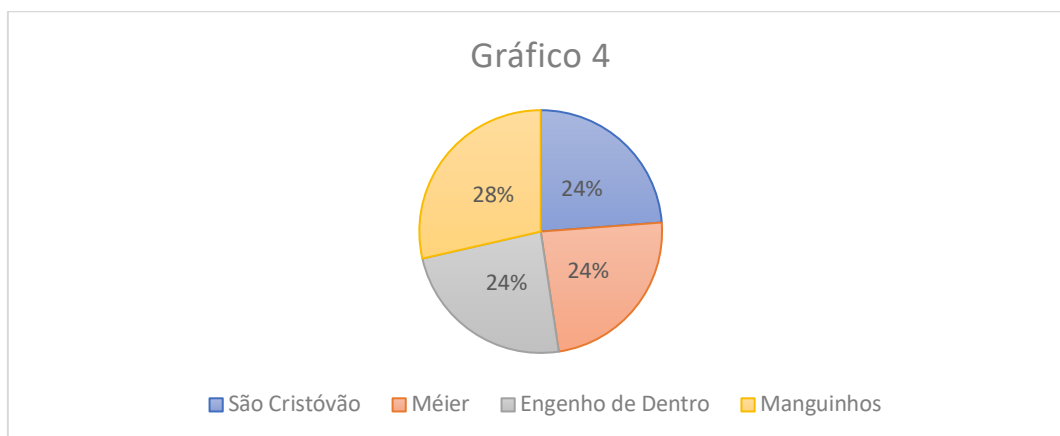
Fonte: AUTOR, ano

- c) Os lugares de destaque na baixada fluminense foram Nova Iguaçu, São João de Meriti e Duque de Caxias, contando com um total de 5 artistas/expositores (Gráfico 3);



Fonte: AUTOR, 2022

- d) Outro ponto importante é a participação de artistas da zona norte, sem levar em consideração os bairros próximos a Favela Final Feliz²², um total de 4 artistas/expositores (Gráfico 4).



Fonte: AUTOR, ano

Outros pontos para continuar o debate transescalar:

- a) É preciso ressaltar a presença da Escola Municipal Zilda Nunes da Costano evento, pois, esta proporcionou uma apresentação em formato de Coral Antirracista. A turma tinha cerca de 30 alunos, duas

²² O levantamento consta no Gráfico 1.

professoras foram responsáveis pelo deslocamento das crianças e pelo ensaio do Coral.

- b) Outro ponto importante é a ausência de artistas da Zona Oeste da cidade, isso pode ser explicado a partir da análise da distância geográfica entre a Zona Norte e Oeste associado a dificuldade de acesso devido aos meios de transporte precários. Visto que a estação de trem mais próxima é a da Pavuna, porém o ramal não é o mesmo. Outra opção seria o Metrô, porém ele não chega até as áreas mais periféricas da Zona Oeste, abrange apenas a barra. As opções de deslocamento por meio do rodoviarismo são longas e incluem mais de um ônibus, na maior parte das vezes, o que encarece muito o trajeto.

A partir da interpretação do mapa e dos gráficos percebe-se que o evento acontece na escala local, no entanto, através da articulação em redes (físicas, virtuais e sociais) o evento ganha um caráter transescalar, assim, articulando outros espaços da cidade em prol da promoção da arte, educação e cultura. Desse modo, a escala geográfica ganha um sentido mais amplo atravessadamente pela rua, pela cultura de rua que é popular.

A FLICC foi uma insurgência fugaz, de curta duração, ao mesmo tempo que foi surpreendente e revolucionária. Esta é apenas uma forma de expressar o potencial do vivido da cidade, por saberes populares, por praticantes dos lugares e pela solidariedade. (RIBEIRO, 2009, p. 154). A FLICC foi uma manifestação cultural orgânica e criativa que permitiu um jeito subversivo de apropriação do espaço.

Sob esta perspectiva, pretende-se estabelecer uma forma de análise que construa um campo de disputa discursivo sobre o que é a Favela do Final Feliz. Portanto, este espaço não existe apenas por carregar consigo os problemas, mas também por apresentar soluções a essas situações com base na solidariedade e na organização popular. Sob estas premissas, os movimentos culturais, articulações entre artistas/expositores e mobilizações sociais que promovem a festa são exemplos de que o povo está interessado em dialogar sobre suas demandas e construir um cenário de inclusão, a partir da realidade de um espaço segredado.

De forma bem objetiva, se faz necessário escutar aqueles que protagonizam o cotidiano, vivem o espaço e presenciam as mudanças com o

intuito de “constituir novas afinidades, novas identidades, novos espaços em comum, novas comunidades de destino, novas territorialidades. E agora, sem dúvida, não mais 'por cima', pelos 'de cima' e para os 'de cima'”. (Porto-Gonçalves 1998). Carlos (1996) complementa o debate assumindo o caráter revolucionário das insurgências urbanas, “assim, a metrópole é o lugar da atomização da vida, mas de outro lado, é o lugar onde se abrem as perspectivas do encontro, da construção de um sonho comum através das apropriações possíveis a partir de uma trajetória comum de vida.” (p.82).

O debate realizado até o momento se constrói unindo o anseio de entender as diferentes práticas espaciais e seu potencial revolucionário. Nesse breve tópico, acrescenta-se ao debate do urbano uma outra forma de existir na favela, com funcionalidades específicas orientadas pelas demandas existenciais. Compreende-se que a escala enquanto artifício analítico permite compreender as dinâmicas espaciais e a cartografia da ação enquanto escolha metodológica é uma ferramenta para movimentação social, trazendo para o campo teórico as insurgências dos homens lentos.

Considerações finais

Por fim, presumimos que a escala geográfica pode ser um instrumento analítico relevante para compreender a dimensão da ação dos movimentos sociais. Bem como averiguamos as possibilidades e os limites da ação na escala local. Como vimos nos tópicos anteriores, existe um estigma sobre as favelas que é reproduzido e precisa ser constantemente questionado, percebe-se que através da Cartografia da ação há a possibilidade da construção de uma outra imagem da favela a partir das insurgências, e, assim, construir caminhos para desconstrução de estigmas. Como Freire (1997) bem escreveu, é necessário ter rebeldia para se libertar das amarras da dominação, “(...) para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e no estabelecimento da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores.” (FREIRE, 1997, p. 92).

Os resultados alcançados através da pesquisa demonstram que a ação coletiva constrói o território de resistência, permitindo a possibilidade de enxergar novos horizontes através do compartilhamento das utopias. Como

demonstra José Borzacchiello, 2013 “os movimentos sociais têm ampla confiança na sua capacidade de produzir espaços fortes e criativos”. Diante disso, compreendendo a cidade enquanto arena de disputa espacial e ideológica, festas que promovam arte e cultura se tornam alternativas criativas e fortes na disputa pelas narrativas sociais.

A realidade disseminada pela grande mídia e pelo próprio aparelho Estatal demonstram a favela como um espaço perigoso, repleto de más influências e cerceado pelo medo. Portanto, o que move a prática do Coletivo COE? Demonstrar que a favela do Final Feliz é potência, produz arte, cultura e lazer. Finalizo reiterando que há aqueles que estão lutando através do próprio cotidiano e precisam ser notados e reverenciados pela sua (r)existência, como o Coletivo COE, por exemplo. Entende-se que assim como os corpos, a Geografia está em movimento, faz parte dos movimentos e é ferramenta para a movimentação.

Referências bibliográficas

- BARTHOLL, Timo. Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- CAMPOS, Andrelino. Movimentos em estruturas “sócio-espaciais”: em busca dos sujeitos subalternos. SILVA, Cátia; CAMPOS, Andrelino; MODESTO, Nilo. Por uma Geografia das existências: movimentos, ação social e produção do espaço. Rio de Janeiro: Consequência, p. 47-65, 2014.
- CAMPOS, Andrelino. Do quilombo à favela: a produção do " espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FERREIRA, Álvaro. A cidade que queremos: produção do espaço e democracia. Espaço e Economia, 2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, p. 90, 1996
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.
- HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

- HOOKS, Bell. Teoria feminista. Editora Perspectiva SA, 2020.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. (org.). O espaço da diferença. Campinas, São Paulo: Papius, 2000.
- MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. GEOgraphia, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Geografia e movimentos sociais no processo de globalização em curso: Apontamentos. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 24, n. 1, 1998.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. Cadernos Ippur, p. 33-52, 2001.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Cartografia da ação social: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. Otrodesarrollo urbano: ciudadincludente, justicia social y gestión democrática. Buenos Aires: CLACSO, p. 147-156, 2009.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Por uma Sociologia do presente: ação, técnica e espaço. v. 4. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 45, 2005. p. 411-422.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. Forma em crise. Utopias necessárias. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. Terra Livre, n. 5, 1988.
- SILVA, CatiaAntonia. Cartografia da ação social: limites e possibilidades da contribuição do fazer geográfico. 2012.
- SILVA, CatiaAntonia. Cartografia da ação social: Reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade. Revista Tamoios, v. 8, n. 1, 2012.
- SILVA, José Borzarcchiolo. Movimentos sociais e processo de produção da cidade. In: FERREIRA, 214 Alvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio; SILVA, Augusto César P. da (Org.). Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013, p.169-192.
- SMITH, Neil. Geografia, diferencia y políticas de escala. Terra livre, n. 19, 2002.
- SPIVAK, GayatriChakravorty. Pode o subalterno falar. UFMG, 2010.

VAINER, Carlos Bernardo. As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local. Cadernos Ippur, v. 15, n. 2, p. 13-32, 2002.